ANO I — N.º 35 — UM ESCUDO — 4 de Outubro de 1934

FRADIQUE

No próximo número:
"DUAS CHAMAS"
peça em 3 actos
original de
TOMAZ RIBEIRO COLAÇO

Proprietaria: — ... maz Ribeiro Colaço = Secretario da Redacção, e Editor: — Manuel Cayolla = Redacção e Administração: — Rua do Arco do Cego, 88-C — Telefone: — ... ndustrial de Tipografia, Ltd.ª (Rua do Almirante Pessanha, 3 e 5 ao Carmo) = Este numero foi visado pela Comissão de Censura =

O COLÉGIO DE BELINHO

"pedido de inscripção"

por T. R. C.

António Correia de Oliveira,
meu querido amigo:

Inscreva-me, hoje mesmo, nesse doce colégio a que dá a sua assistência! E na instrução primária, se puder ser!

. . . . . .

Eu ouvia falar, como toda a gente, na Casa de Belinho, e queria-lhe bem, de longe, como todos os que escrevem. Nunca fui, porém, ao Minho, — com vergonha o confesso — nem portanto em Belinho passei, numa hora de peregrinação com que há tanto sonho.

Quando soube que, — tornando mais vasto, o seu lar — dava toda essa beleza sua ao culto de criar e educar crianças, pareceu-me ideal, quási inverosímil o intento.

Um colégio a que assistia um Grande Poeta! Onde, no mundo, haveria outro igual? E' tão indispensável, para além dos dados e números que são o esqueleto da pedagogia moderna, reservar nas almas pequeninas um canto em que se respeitem outros mundos, e anda êsse abrir de azas ao espírito tão distante das possibilidades de quem o não tem, — que um Grande Poeta, formador ideal de beleza e de rítmo, tinha de ser, por direito de nascimento e de conquista, o Grande Realizador de tal intento.

Hoje, porém, o acaso pôs-me nas mãos um caderno ligeiro: — O prospecto, chamemos-lhe assim, do *Colegio de Belinho*.

Nas suas páginas, corri primeiro o olhar, interessado, pelos recortes de paizagem tanta vez idealizada. Entrei pelo alto portão brazonado, que a hera tresloucada coroou de cem mil corações; antes, enquanto o tinir cristalino da campainha parecia repetir Belinho, Belinho, Belinho passei minutos a invejar-lhe o muro; êsse muro opulento que lhe rodeia os domínios, e assim lhes empresta, para além da beleza uma tranqüila intimidade.

No jardim, contornei o lago imóvel, — de olhos fitos na grande casa de paredes brancas, tão austera, tão acolhedora, tão portugueza. Entrei, pisando o granito dos degraus em lua; Achei-me, não sei bem como, num longo e calmo retiro de biblioteca, depois na alegre vastidão de um salão de jantar; detive-me a olhar retratos, numa parede de sala; noutra encontrei, como reflexo do cristal de um lustre, certa solenidade de recepção que não excluia um calor de convívio, — carinho de hoje a aquecer apainelados de ontem; — e Santo António me abençoou, de um oratório em flor.

Um momento, surpreendeu-me que a pequenina casa térrea, que para a esquerda se anexou à casa Mãi, me desse aos olhos, para o lado oposto, tamanho horizonte; — e que fôsse ela própria, tão grande. Mas depressa entendi que, apaixonada pelo declive fértil, tôda a construção aproveitara o pendor para diminuir-se deante de quem chega, — e ser grande, ser vasta, deante do ceu e do sol.

Não sei se foi com o olhar das suas janelas, ou se guiado pelo meu pensamento e pelos seus versos, que eu depois me dei a correr tão vastos pinheirais, tezos de mata e de parque, vastos campos abertos à alegria infantil, caminhos ensombreados que vão ao Neiva, planuras de várzea, amontoados de rochedos, nesgas de paizagem em que maravilhosamente comungam o campo e o mar.

Sei que os percorri encantado, e que os conheço.

Olhe. Gostava de ser aquele sultão de Marrocos, contemporâneo de Luiz XIV, que construiu Mequinez, a Versalhes moira, e poude, dentro da sua bárbara religião, ter de quinhentas esposas mil e quinhentos filhos. Todos lhe mandaria, para que a todos tornasse cristãos, saudáveis, fortes, — e para que a alguns tornasse poetas — nesse paraíso em que um colégio modelarmente organizado parece apenas ser uma grande família de portugueses.

Longe, porém, de assim poder acrescer «a população escolar», para empregar uma expressão horrível e tão na moda — a um colégio que, como a *École des Roches*, na Normandia, tem de ser, em Portugal, um centro vivamente procurado, — eu venho pedir-lhe um alto favor, que não cabe decerto no Regulamento: — que me aceite a mim.

Posso jurar-lhe, e sem nem um pingo de paradoxo, que, o grande colégio, o máximo colégio, o colégio indispensável e inexistente, seria aquele que se destinasse a ensinar várias instruções primárias a pessoas crescidas. E que entre as que mais precisariam de, em tais disciplinas, ganhar ao menos um *suficiente*, me encontro eu.

Passa uma hora em que todos imaginam que sabem viver, — e raríssimos vivem. A luta pela vida, tão agradável e sadia quando a luta é luta e a vida é vida, tem hoje para nós certo esfalfamento enervante, que lhe vem de quási só ser um esbracejar no vácuo. Precisamos de tornar a aprender a Ambição, no muito que ela tem de nobre, — para lhe não sabermos apenas, como no repetir desafinado de um cântico, o muito que tem de amargo. Precisamos de reaprender a sonhar, — não para esquecer ou apostar realidades que devam ser nossas, mas para vê-las como elas devem ser vistas, com outros olhos, — os olhos dos que também sabem sonhar.

Precisamos de retomar certa infantilidade adulta, que seja uma tradução de alegria inglesa, e em nós varra não sei que sentido bisonho de cada instante, não sei que mazombice infeliz, — penumbra sem coerência e friagem sem razão, onde há tanto sol.

E se, para convencê-lo a aceitar-me, não basta êste filosofar muito ameno e simples, — — eu junto, a informar o requerimento, uma grande certidão: — a saüdade. Saudade do tempo em que era Almirante, — e nas duzentas unidades da minha esquadra vibravam mil epopeias de glória, por cada centímetro de papelão. Saüdade do tempo em que era generalíssimo, — e os meus milhares de soldados receavam apenas o sol, porque os descoloria, e a chuva, porque os descolava. Saudade de quanto em mim morreu, desde que os ditames da certidão de idade me impuseram a dispendiosa mortalha do cheviote, — depois de tanto ter vivido, numa euforia pura e altíssima, sob um estandarte de xadrezinho talassa que era apenas o meu bibe de riscado...

T. R. C.

ECOS

José Pacheko

PORQUE não assim mesmo: — José Pacheko?

Desapareceu com êle, senão uma grande figura, um grande momento da vida mental lisboeta; — aquele momento esquecido em que a Contemporânea *surgiu, com o seu grito de revolução elegante. José Pacheko, — o* k *do seu nome era uma farpa vistosa no cabeçalho da efemera mas vivissima curiosidade do Chiado — foi, com Almada Negreiros, o grande nervo daquele simpático minuto. E era um sincero, naquela sinceridade sem equilíbrio que depois se multiplicou. Nem êle, nem Almada, — que não gosta do* **Fradique** *mas nem porisso deixa ter imenso talento... — podiam comparar-se com outros, de grisalhante pechisbeque, para os quais a notoriedade de um paradoxo era apenas lanços de escadas, no altar burguês.*

Sonhou, — mais do que viveu. Pode não ter deixado uma Obra; deixou uma Ilusão. Basta e sobra para, junto do seu túmulo, ficar a nossa saudade a querer-lhe bem.

O «Queen Mary»

A Inglaterra viveu há dias um momento culminante do seu orgulho nacional, com o lançamento do formidável transatlântico da Cunard, — a que outro ainda maior vai segnir-se.

Um grande e formoso barco é uma das mais belas e mais completas realizações humanas.

No caso inglês, é altamente significativo o nome escolhido para o gigantesco paquete: — o nome da Rainha. Na fervorosa, unânime e inflexivel lealdade ao Trono, reside o maior segrêdo da prosperidade inglesa; mais, o único segrêdo da própria existência do Império Britânico. Tantos anos de infidelidade às suas tradições deviam já ter sido para a França, corroída por tantas crises, lição sobeja; — e o caso espanhol não é menos eloquente...

Aos que, porventura, acharem descabido o derivar dêste éco, à margem de um colosso recem-nascido, ponderaremos, com mil desculpas, que em 73,000 toneladas de deslocação cabem, com certeza, estes comentários...

O «X», Reynaldo Ferreira, e o alvorôço da Academia

DEVE aparecer brevemente um novo semanário de Reinaldo Ferreira: — O «X».

Reinaldo Ferreira é um prototipo de lutador incançável; e, se de tal ou tal atitude sua devemos discordar, do seu labôr, das suas raras faculdades, só exemplo e lição deveremos colher. E' pois com sincera alegria que o vemos regressar, passe a expressão, à água em que é peixe.

A noticia de que ia aparecer o «X» em Lisboa, ao que nos dizem, provocou singular alvoroço na Academia, cuja classe de Letras está em sessão permanente; recorda-se, não sem base, um conflito grave, sabido como é que o Dr. Julio Dantas disse tantas coisas ao ouvido de M.me X...

Desejamos muita prosperidade ao novo colega, cuja redacção e administração são comuns com as do semanário republicano O Diabo, *na Rua da Rosa, 107.*

Um monstro semi-humano

NA sua encantadora 1.ª página o nosso amado Notícias *referiu há dias que em Bucareste nascera um bébé com pés de cabra, uãos de lobo, focinho de orangotango, latir de cãosinho, e outros aterradores atributos de coleccionador zoológico.*

Não se assustem as que, dispostas a serem mamãs em próximos meses, tiverem lido a tremenda mas incompleta noticia. Durmam em paz, sem receios nem pesadelos. A esperançosa criança, — prevista nos Gladiadores *de Alfredo Cortez... — foi dada à luz pela Sociedade das Nações; e chama papá ao Litvinoff...*

Dario Nicodemi

COM a morte de Nicodemi, perde a Itália um dos seus valôres internacionais mais marcantes.

Ele era, sob certos aspectos, um pequeno d'Annunzio; — muito do que a Duse sofreu, Réjane o terá talvez sofrido, e foi Réjane que, com o seu talento e o seu prestigio, lançou Nicodemi em Paris...

Lisboa viu-o, satelite de outra estrela, na esteira fulgurante de Vera Vergani.

Quando morre um homem que viveu muito, em intensidade, em comoção, em glória, há para todos os homens, na saudade que êle deixa, um misto subtil de admiração e de despeito.

Lindbergh

O seu nome baila, outra vez, na aura de tragédia que periódicamente o envolve. Tragédia horrivel, incomportavel, de certo modo a vida, o tempo, a suprimiram já; e perde para o vulgo, em acuidade, quanto nos seus recrudescimentos é devido a um motivo extrinseco: — o mal ferido amor próprio da policia americana...

Mas, já que Lindbergh está na berra, evoquemos um traço, casualmente conhecido, da sua maneira de ser: — a mania de pregar partidas. Lindbergh não se ensaia nada para, no mais cerimonioso jantar, retirar bruscamente a cadeira do mais venerável conviva, quando

Uma entrevista com Paderewski

pelo nosso colaborador

ARMAND AVRONSART

Paderewski nasceu em 6 de Novembro de 1860, numa região acidentada e risonha; o pae era administrador dos bens de uma importante família, e a mãe, — que lhe morreu sendo êle criança ainda — era filha de um professor de Wilna que morrera deportado na Sibéria.

Revelando cedo as suas disposições musicais, Paderewski foi aos 12 anos para o Conservatório de Varsóvia, do qual era professor, apenas 6 anos volvidos.

Achava porém, apesar de já conhecido, que devia instruir-se ainda; e foi estudar para Berlim, depois para Viena onde adquiriu a técnica do *virtuose*.

Depois de um ano de professorado no Conservatório de Estrasburgo, inaugurou triunfalmente em Viena, e depois em Paris, no ano de 1886, os concertos que deviam torná-lo célebre em todo o mundo.

Compositor também muito apreciado, à retumbância mundial do seu génio, à sua superior cultura e inteligência, ao seu acendrado patriotismo deveu a unanimidade com que a Polónia o chamou, ao ressurgir da sua nacionalidade, para a Chefia Suprema da Nação.

Revelou-se notável orador diplomata, organizador poderoso; na América, arregimentou mais de 20.000 polacos, que pôs às ordens do Govêrno, durante a Grande Guerra; logo na hora do armisticio, voou para a sua pátria, que o acolheu em triunfo. Firmou o tratado de Versailles na qualidade ainda de ministro do seu país.

A sua divisa é. —

«A pátria acima de tudo, e a arte logo a seguir.»

* * *

Pude, apesar das ordens rigorosas que lhe defendiam os aposentos, avistar em Paris o Presidente Paderewski; que um luto doloroso e recente rodeia de absoluto incóhnito; e conversámos por mais de uma hora.

O grande artista, o grande patriota, de olhar sempre vivo, máscara enérgica sob a corôa de cabelos prateados, saíu da sua reserva habitual para receber-me com a maior gentileza.

— Já hoje não desempenho qualquer papel na política activa, mas devo responder-lhe visto que se trata da Polónia e da França.

Era ocioso negar que nestes ultimos tempos certos mal entendidos surgiram. O Pacto dos Quatro está na origem... Os meus compatriotas ficaram surpreendíssimos por ver que a Polónia, apesar dos seus 33 milhões de habitantes, era considerada uma pequena potência...

Não percamos de vista que a Alemanha se dá ares de pacifista, e ganha tempo para firmar a sua situação e completar os seus armamentos.

Penso que a política externa da Polónia se deve passar no mais estreito entendimento com a França e a Inglaterra.

Cometeram-se erros diplomáticos, mas, como ao maior dos franceses, — Raymond Poincaré — dou plena confiança ao govêrno de Mr. Gaston Doumergue, à firmeza e à habilidade de Mr. Barthon, para firmar em breve as relações secularmente cordiais da França com a Polónia. Coincidência curiosa: faz hoje duzentos anos que um francês, o conde Plelo, desembarcou em Danzig para salvar a cidade do cêrco que sofria.

— A questão do corredor de Danzig, Senhor Presidente, parece enterrada?

— Enterrada, não. Adormecida, talvez. Mais perigosa por isso... O «corredor» continua a ser o principal objectivo da Alemanha, que conta apoderar-se dêle um dia, graças a duas armas que maneja bem: — a propaganda e a intriga. Com elas procura o III Reich criar à volta de Danzig o que em França se chama «um clima» e na Inglaterra «uma atmosfera».

A Alemanha de Hitler é a mesma de Frederico II, o qual afirmava: — «O homem que detiver Danzig e o estuário do Vístula, será mais senhor da Polónia do que o próprio govêrno polaco.» E Verhaeren dizia-me um dia: — «O destino da Polónia é viver uma vida arriscada...»

Conhecemos sem dúvida dificuldades e provações, mas o perigo que desponta ameaça por igual o seu país e o meu. Recuso-me a ser alarmista ou pessimista, mas insisto em crer que o único meio de conter a Alemanha em respeito é convencê-la da fôrça e da união de vizinhos que saberão fazer-se respeitar...

Depois destas palavras me despedi do grande patriota, diplomata consumado, e artista universalmente aplaudido, de uma vitalidade quási miraculosa, do qual Saint-Saens pôde dizer, numa síntese explêndida: — Paderewski é um gênio que, por acaso, toca piano...

Armand Avronsart

Grandes figuras parisienses

S. A. a princeza Lucien Murat

Filha dos Duques de Rohan, aparentada com as mais nobres famílias da aristocracia europeia, S. A. a Princeza Lucien Murat ficou familiar à primeira sociedade lisboeta através de duas inesqueciveis conferencias em que o seu grande espírito cintilou, no palco engalanado do Teatro Nacional.

Escritora ilustre, a cuja pena se deve A grande Catarina da Rússia, A Rainha Cristina da Suécia, A Duqueza de Berry, L'Aiglon, La Foyett, Murat perante a Esphinge, *etc., etc. S. A. a Princeza Lucien Murat foi recentemente agraciada com o oficialato da Ordem de Cristo, — justa distinção pela qual lhe apresentamos as nossas homenagens.*